

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Daolio, Jocimar

D238c

Cultura: educação física e futebol / Jocimar
Daolio. — 2ª ed. rev. e ampliada — Campinas, SP:
Editora da UNICAMP, 2003.

(Coleção Livro-Texto)

1. Educação física — Brasil 2. Futebol — Brasil.
3. Antropologia social. I. Título.

CDD — 613.70981

— 796.3340981
— 301.2

ISBN: 85-268-0604-1

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação física — Brasil 613.70981
2. Futebol — Brasil 796.3340981
3. Antropologia social 301.2

Copyright © by Editora da UNICAMP, 2002

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em
sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou
outros quaisquer sem autorização prévia do editor.



Associação Brasileira de
Bibliotecas Universitárias



Associação Brasileira de
Bibliotecas Universitárias

*Ofereço este livro aos leitores, lem-
brando a frase de Clifford Geertz —
para mim, um álibi: "A análise cultu-
ral é intrinsecamente incompleta e, o
que é pior, quanto mais profunda,
menos completa".*

*Dedico este livro à Carmen Cinira de
Macedo, que, de tão brilhante, virou
estrela. Dizem que já está ofuscando
o sol!*

A CONSTRUÇÃO CULTURAL DO CORPO FEMININO, OU O RISCO DE TRANSFORMAR MENINAS EM “ANTAS”*

Eu era professor de educação física de uma escola pública na periferia de São Paulo. Trabalhava, entre outras turmas, com uma mista, composta por alunos de 8ª série, que tinham em torno de 15, 16 anos de idade. A atividade proposta naquele dia foi um jogo de voleibol. Os times, mistos, foram divididos, e os jogos começaram, com os alunos revezando-se na única quadra da escola.

A aula daquele dia teria sido igual a tantas outras, não fosse pela reação de uma aluna ao errar uma bola fácil. Ao se ver incapaz de inclinar o corpo para o lado e receber um saque, ela disse, com um misto de desânimo e raiva: “Por que eu sou uma anta?”¹ Esta reação apareceu de forma contundente neste dia, mas existia de forma velada em outras aulas, na medida em que as meninas percebiam que os meninos eram mais habilidosos do que elas em praticamente todas as atividades realizadas. Por trás da frase de uma menina, havia a reação de todas elas contra sua inferioridade motora em comparação aos meninos. Era como se todas clamassem: “Por que nós meninas somos antas e os meninos não são?”.

* Este texto fez parte da coletânea *Mulher, Corpo e Sociedade*, organizada por Elaine Romero e publicada pela Editora Papirus, em 1995. Constitui-se em tentativa de analisar sob a perspectiva antropológica o preconceito sofrido pelas meninas nas aulas de educação física.

¹ Desconheço se a utilização do termo “anta” referindo-se a pessoas (principalmente mulheres) lentas, pesadas e descoordenadas é de uso nacional. Em São Paulo, o uso é frequente em aulas de educação física e em quaisquer atividades físicas, sempre com um tom pejorativo e preconceituoso. A associação, provavelmente, deve-se ao peso do animal, que pode chegar a 180 kg e a sua consequente lentidão.

Evidentemente, estamos diante de uma questão muito maior do que uma mera ocorrência em aula de educação física. As meninas não se sentem "antas" somente nas aulas, mas também quando realizam atividades físicas em suas horas de lazer. Estamos diante de um fato social, pontuado por uma história cultural que delegou às meninas brasileiras² a condição de "antas" quando realizam atividades que exigem força, velocidade e destreza.

Sejam os justos: nem todas as meninas são inábeis e nem todos os meninos são hábeis. Existe uma enorme graduação entre o mais hábil e o menos hábil, tanto para as meninas quanto para os meninos. Além disso, essa graduação pode se modificar dependendo da atividade realizada. Ora, se a prática proposta na aula citada fosse uma coreografia de dança, talvez os meninos se sentissem "antas" (ou um outro animal qualquer), já que teriam provavelmente uma grande dificuldade em requebrar os quadris. Acredito, entretanto, que, na média, os homens são mais atirados fisicamente, arriscam mais, ousam mais que as meninas, o que os torna, também na média, menos propensos que elas a se tornarem "antas".

Antes que os leitores não machistas e todas as leitoras me abandonem, devo esclarecer meu referencial de análise, esboçado linhas acima. Estou considerando que há uma construção cultural do corpo, definida e colocada em prática em função das especificidades culturais de cada sociedade. O conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se refere ao corpo, como já afirmava

Marcel Mauss em seu clássico texto sobre as técnicas corporais. Este antropólogo foi o primeiro a considerar o corpo como passível de u análise cultural, já que cada sociedade faz um uso específico do corpo. Assim, há uma valorização de certos comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um conjunto de gestos típicos de uma determinada sociedade.³

Esta característica diferencial do corpo de uma sociedade para outra pode ser comprovada facilmente quando se observam pessoas de procedências diferentes. Há um conjunto de hábitos que caracterizam um brasileiro, diferentes dos de um francês ou de um japonês. Pode-se detalhar ainda mais essa caracterização notando peculiaridades gestuais de um paulista, que podem ser diferentes das de um carioca ou de um mineiro, e assim por diante.

Pode ainda acontecer que um mesmo ato realizado idênticamente por dois grupos tenha significados distintos. Olhar fixamente nos olhos do interlocutor pode significar respeito ou desrespeito, dependendo de onde este comportamento é realizado. O característico gesto americano de OK, onde o polegar e o indicador se tocam formando um círculo e os outros dedos se estendem para cima, tem em nossa cultura uma conotação bem diferente.⁴

É nesse sentido que se pode afirmar que há uma construção cultural do corpo feminino diferente da construção do corpo masculino. Aliás, Marcel Mauss, no texto citado, já es-

2

Mesmo correndo o risco de uma generalização imprecisa, não pretendo neste trabalho diferenciar os vários tipos de meninas brasileiras. Reconheço que estas diferenças existem e podem ser grandes, mas entendo que o chamado "machismo" brasileiro delegou a todas as mulheres um papel inferior no que se refere às habilidades físicas, principalmente as esportivas.

4

Para uma discussão mais aprofundada sobre a conotação e a denotação, processos que dizem respeito à lógica dos significados, sugiro o livro *Filosofia em nova chave*, de Suzanne Langer, sobretudo o capítulo 3, "A lógica dos signos e símbolos". Sugiro também o texto "O corpo liberado?", de José Carlos Rodrigues. As referências bibliográficas estão no final do texto.

boçava uma classificação das técnicas corporais, que incluía o sexo como um dos critérios dessa divisão.

Parece óbvio afirmar que o corpo feminino é construído diferentemente do corpo masculino. Não pretendo aqui propor que haja uma construção idêntica dos corpos de homens e mulheres. As diferenças sempre existiram em nossa e em qualquer sociedade do mundo. Outra questão: essas diferenças dizem respeito também ao aspecto biológico, chegando até as motivações e os interesses de um e de outro sexo para atividades específicas. Além disso, quando a discussão se refere à cultura, deve-se considerar que o processo não é sempre consciente e uma mudança, embora possível e desejada, é lenta e gradual, sem uma linearidade e sequencição previsíveis.

Não se trata de igualar homens e mulheres no que se refere ao uso do corpo.⁵ Trata-se — e este é o objetivo deste trabalho — de, inicialmente, compreender que as diferenças motoras entre meninos e meninas são, em grande parte, construídas culturalmente e, portanto, não são naturais, no sentido de serem determinadas biologicamente e consequentemente irreversíveis. Em segundo lugar, pretendo discutir o papel da educação física escolar neste processo. Em vez de desconsiderar o tema, os professores deveriam proporcionar oportunidades a todos os alunos de praticarem atividades físicas de acordo com seus interesses e compreendendo seu significado. Parece que as aulas têm feito isso somente em relação aos meninos, relegando as meninas ao papel de “antás”.

⁵ Esta é justamente a crítica mais contundente que o chamado “feminismo” tem recebido. Ao se rebelar contra o poder do “machismo”, algumas militantes do “feminismo” passaram a reivindicar os mesmos direitos para as mulheres, acreditando na falsa premissa de que fazer as mesmas coisas é condição para a igualdade entre homens e mulheres.

Mas ainda é precoce discutir as aulas de educação física. Quero esclarecer as diferenças entre homens e mulheres no que se refere às habilidades motoras, utilizando exemplos de nossa vida diária que certamente todos vivenciaram.

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho que vai dar seqüência à linhagem. Na porta do quarto da maternidade, os pais penduram uma chuteirinha e uma camisa da equipe de futebol para a qual torcem. Pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e o estimulam aos primeiros chutes. Um pouco mais tarde, esse menino começa a brincar na rua (futebol, pipa, subir em árvores, carrinho de rolenã, skate, bolinha de gude, bicicleta, taco etc.), porque, segundo as mães, se ficar em casa vai atrapalhar.

Em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujarem, não suarem. Portanto, devem ficar em casa, a fim de serem preservadas das brincadeiras “de menino” e ajudarem as mães nos trabalhos domésticos, que lhes serão úteis futuramente quando se tornarem esposas e mães.

Estes hábitos corporais masculinos e femininos vão, ao longo do tempo e dependendo da sociedade, tornando um sexo mais hábil do que outro em termos motores. No caso brasileiro, os meninos tornaram-se mais habilidosos e as meninas, “antás”. O mais interessante, entretanto, é que as diferenças entre homens e mulheres estão tão arraigadas na dinâmica cultural de nossa sociedade, que não bastam uma conscientização do processo e um desejo de mudança para uma efetiva transformação da realidade.

O processo de transmissão de hábitos e valores culturais é realizado por meio de um processo de imitação prestigiosa (Mauss, 1974). Em outras palavras, a criança imita procedimentos que obtiveram êxito em pessoas que lhe são importantes. O prestígio social da pessoa que realiza um ato qualquer provoca uma imitação na criança. Em termos práticos, isto significa que a atitude dos pais é dotada de alta eficácia simbólica perante seu filho, que tenderá a imitá-la. Esse processo, obviamente, ocorre de forma mais contundente em crianças menores.

Por meio desse processo de imitação prestigiosa é possível perceber a força da tradição de um determinado valor ou costume cultural. Para uma menina, assumir determinados comportamentos historicamente vistos como masculinos, como ser mais agressiva ou jogar futebol, pressupõe ir contra uma tradição. Implica ser chamada de "machona" pelos meninos ou ser repreendida pelos pais. Da mesma forma, para um menino, assumir uma postura delicada, mais afetiva e brincar de maneira mais contida, implica ser chamado de "bicha" ou "efeminado". Tanto para o menino como para a menina que contrariam a expectativa que deles se tem, há o peso de uma sociedade que os marginaliza. São tidos como rebeldes. Não resta dúvidas de que é mais cômodo cumprir os ditames sociais e, assim, ser valorizado como pessoa bem-sucedida.

Não quero transmitir a idéia de que a cultura nos molda e de que nada há para fazer senão cumprir as regras sociais passivamente. Na verdade, o termo "cultura" vem se mostrando árido na medida em que dá uma idéia de um "superpoder sobre nossas cabeças". Há tendência hoje em se usar o termo "dinâmica cultural" (Durham, 1977), cuja vantagem reside no fato de apresentar um processo mais vivo e de mão dupla. De fato, se a cultura influencia no comportamento humano, quem produz e transforma a cultura cotidianamente são os homens.

Falando da tradição cultural, eu pretendo rechaçar uma idéia tão precipitada quanto ingênua de que basta a conscientização a respeito dos nossos erros para a transformação de nossos atos. No caso da discussão sobre a construção cultural do corpo feminino, bastaria somente conscientizar nossas alunas e seus pais para deixarmos de ter "antas" em nossas aulas. Entendo que a conscientização a respeito desse processo de construção cultural do corpo é uma condição necessária mas não suficiente para a transformação do quadro atual. É preciso mais que isso. É preciso compreensão das representações associadas ao corpo da mulher.

Eu diria que muitos pais ainda preferem ter uma filha "anta" em vez de uma filha que jogue futebol ou suba em árvores. Arriscaria dizer também que muitas "antas" não manifestam revolta contra sua condição ao longo de toda vida, como fez minha aluna, citada no exemplo no início do texto. Diria ainda que muitos professores — inclusive de educação física — consideram natural as meninas serem "antas".

Vê-se que a questão é muito profunda e sua resolução, difícil. Na verdade, parece haver na nossa sociedade um processo de "antalização" sobre as meninas, da mesma forma que parece haver um processo que transforma os meninos em verdadeiros "trogloditas". Esses processos complementares, como vimos, são dotados de prestígio social, já que são empreendidos pelos pais e professores e usufruídos pelas crianças.

A educação física e a criação de "antas"

Se o leitor me permite, começo esta seção com um outro relato de minha experiência docente, na tentativa de ilustrar os temas que estou desenvolvendo.

Após uma aula para uma turma feminina de 6ª série, uma menina, até então feliz por sua atuação, percebeu que estava suada e começou a sentir nojo do próprio corpo, dizendo algumas frases que minha memória perdeu ao longo do tempo. Lembro-me bem da transfiguração do seu rosto. Quando ela "esqueceu" de sua condição de mulher (limpa e cheirosa), ela pôde brincar e sentir-se feliz. Quando "lembrou" do papel sexual cultural, ela repeliu seu corpo suado.

Com esse exemplo, pretendo discutir as aulas de educação física e sua tendência histórica em contribuir com a trans-formação de meninas em "antas". Se a sociedade tem determinado um papel inferior às mulheres no que se refere às habilidades motoras, por outro lado, esse papel, por ser fruto de construção cultural, é passível de alterações. Se os pais reforçam a condição de "antas" de suas filhas, cabe aos professores de educação física começar a discutir este tema em suas aulas. Se há uma tradição social que reproduz a inabilidade motora das mulheres, os professores também possuem prestígio social para iniciar um processo de revisão desses conceitos.

Entretanto, temos todos um longo trabalho pela frente. Cardoso (1994) afirma acertadamente que a ação do professor de educação física, por mais progressista que seja, ainda não se liberou da dicotomia criada culturalmente entre o masculino e o feminino, "[...] prosseguindo a atual ação pedagógica a limitar o pleno desenvolvimento motor dos indivíduos [...]" (p. 267).

Romero (1990 e 1994) desenvolveu pesquisa com professores de educação física buscando observar se os mesmos apresentavam estereótipos masculinos e femininos quando se reportavam a seus alunos. Apresentou a eles uma lista de adjetivos, pedindo que manifestassem concordância ou discordância em relação ao sexo. Os resultados foram interessantes

e confirmaram o estereótipo sexual dos professores. Os alunos do sexo masculino tiveram os seguintes adjetivos considerados pelos professores como adequados a seu sexo: agressivo, ativo, autoritário, capaz, dedicado ao lar, delicado, esportivo, forte (físicamente), independente, líder e machista. Às meninas foram associados os seguintes adjetivos: atraente, decidida, elegante, meiga, responsável, sensível, vaidosa.

Vê-se que os professores de educação física sentem dificuldade em se libertar de determinados preconceitos e proporem uma prática que propicie as mesmas oportunidades a todos os alunos, meninos e meninas, respeitando as diferenças e os interesses de cada um.

O que parece mascarar essa dificuldade dos professores de educação física é sua concepção biológica tanto sobre o corpo como sobre a própria área em que atuam. Essa concepção freqüentemente apresenta-se de forma implícita na ação profissional, porque trata-se de representações sociais que dão suporte e orientam a prática desses professores, muitas vezes inconscientes para eles (Daolio, 1994 e 1995).

Nesse sentido, a tendência do professor, quando uma aluna pergunta por que ela é "anta" ou quando outra sente nojo de seu corpo por estar suada, é de considerar esses fenômenos naturais. Sendo biologicamente determinados, nada há a fazer senão conformar-se com o destino. Nessa concepção, a atitude das alunas seria apenas uma reação contra um processo natural.

Entretanto, a postura dos professores de educação física pode ser outra. Se começarem a compreender que o corpo não é apenas determinado biologicamente, mas construído culturalmente em função de valores sociais, poderão concluir que ele (corpo) não está pronto e talvez nunca esteja. Se, por um lado, há um patrimônio biológico que sempre apresentou

diferenças entre homens e mulheres, por outro, há contínua transformação no uso social desses corpos, uso esse que não precisa necessariamente gerar diferenças tão gritantes. Em outras palavras, o professor de educação física está continuamente influenciando a construção cultural do corpo de seus alunos. Resta saber se ele está atento a essa importante tarefa.

Pierre Furter (1975) pode ajudar nessas reflexões afirmando que a dinâmica corporal dos adolescentes não é apenas fruto de um processo biológico. Diz ele: "Se a dinâmica corporal não pode nascer apenas do desenvolvimento fisiológico, então as inabilidades dos adolescentes não representam uma infelicidade; são o sinal de uma aprendizagem mal sucedida (p. 25)".

O autor não está falando das diferenças motoras entre meninos e meninas, mas dos adolescentes em geral. Entretanto, sua contribuição é pertinente porque desloca a ênfase que a educação física sempre deu aos determinantes biológicos para justificar o comportamento motor dos alunos. Quantas vezes ouvimos professores explicando uma performance motora de um aluno somente por meio de processos biológicos naturais, desconsiderando toda a gama de influências culturais, políticas e econômicas! Como se os alunos fossem dotados geneticamente de todos os atributos que se referem a seu comportamento. Nesta linha de pensamento, os meninos seriam mais dotados do que as meninas.

Com um enfoque semelhante, Cardoso (1994) sugere que a educação física busque ações que venham a desconstruir o que ele chamou de "naturalização extremada" em relação à questão dos papéis sexuais, em que cada um seria igual a todos, embora respeitando-se as diferentes potencialidades e interesses individuais.

Aí está, em minha opinião, a difícil tarefa para os professores de educação física: respeitar as diferenças entre meni-

nos e meninas e, ao mesmo tempo, propiciar a todos os alunos as mesmas oportunidades de prática e desenvolvimento de suas capacidades motoras. Pender para um extremo seria respeitar as diferenças entre os sexos, achando que elas são naturais e, portanto, não devem ser contrariadas. Estaria-se reforçando a falsa idéia de que os meninos são mais dotados e as meninas são "antãs". Pender para outro extremo seria propiciar a todos as mesmas oportunidades em termos motores, querendo que os resultados de meninos e meninas sejam idênticos. Estaria-se impondo uma igualdade inexistente.

Nem igualdade forçada nem desigualdade justificada por processos naturais. Na verdade, seria prudente abandonar o binômio igualdade/desigualdade como critério para analisar a questão das diferenças sexuais nas aulas de educação física, sob o risco de considerar meninas menos iguais aos meninos ou, em outras palavras, inferiores a eles. Soares e Goellner (1994) afirmam que homens e mulheres, embora apresentem caracteres comuns ao gênero humano, apresentam também singularidades, que demarcam a distinção entre os indivíduos e deveriam afirmar uma relação de alteridade, e não de desigualdade.

Foi a antropologia a ciência que se debateu com a questão da diferença entre os homens. Se há uma unidade humana que faz com que todos os indivíduos do mundo façam parte da mesma espécie, há também a constatação de que os homens se expressam culturalmente de maneiras absolutamente diversas. Houve época em que a antropologia considerava desiguais homens diferentes, chamando de primitivo quem não possuísse as características ditas "civilizadas" da Europa do século XIX. Era a antropologia evolucionista, que, pautada no etnocentrismo, achava que todos os homens eram iguais, apresentando apenas ritmos de desenvolvimento diferentes (Laplantine, 1988).

Se a biologia diz que os homens são semelhantes apesar de suas diferenças, a antropologia afirma que os homens são diferentes apesar de suas semelhanças. A educação física poderia se valer de alguns conceitos da antropologia para resolver sua dificuldade histórica em lidar com as diferenças em suas aulas.⁶

Unidade e pluralidade — dois lados da mesma moeda humana. Há que se buscar as diferenças sem, no entanto, esquecer que elas não são tão diferentes assim que não permitam comparações e atuações conjuntas. E sem esquecer também que elas não são tão homogêneas assim que permitam uma comparação rápida e precipitada. A regra é diferenciar para comparar; ou, se quiserem, comparar para diferenciar.

Voltando à questão das “antas”, devo afirmar que vislumbro uma educação física escolar sem preconceitos, que propicie a todos e a cada um o pleno desenvolvimento de suas habilidades motoras. Se essas habilidades motoras foram historicamente delegadas preferencialmente a um sexo, que haja espaço nas aulas para a discussão desses privilégios e, se for o caso, que se inicie a transformação desses valores a partir das aulas. Vislumbro uma prática escolar de educação física que faça da diferença entre os alunos condição de sua igualdade, em vez de ser critério para justificar a subjugação de uns sobre outros. Desta forma, meninos e meninas poderão fazer aulas conjuntamente sem nenhum tipo de constrangimento, e a educação física não estará mais contribuindo para a criação de “antas”... nem de “trogloditas”.

EXERCÍCIOS

- 1) Em que perspectiva é possível afirmar que as meninas são menos habilidosas em termos motores do que os meninos?
- 2) Por que em algumas atividades físicas os meninos também são considerados “antas”?
- 3) Por que é tão difícil para a menina assumir determinados comportamentos historicamente delegados ao sexo masculino?
- 4) Qual tem sido o papel histórico da educação física escolar no que se refere às diferenças de habilidades entre meninas e meninos?
- 5) Como pode ser explicada a dificuldade da educação física escolar em contrariar o papel de “anta”, delegado às meninas?
- 6) Como a educação física escolar poderia trabalhar com meninos e meninas conjuntamente, considerando as características de cada sexo?

⁶ Em meu livro *Da cultura do corpo*, defendo uma educação física plural, que se propõe a considerar as diferenças existentes entre os alunos.